

Imaginário e religiosidade na obra *Bagagem* de Adélia Prado

Marcia Munhak SPEGGIORIN¹

Resumo

Voz incisiva da poesia brasileira, Adélia Prado eterniza em seus versos o cotidiano simples, a vida pacata e as crenças que fazem parte do imaginário ocidental. Este trabalho pretende investigar como os símbolos e a constituição das imagens poéticas estabelecem um elo essencial para a elaboração dos poemas que voltam-se para a temática do religioso, a qual proporciona um constante jogo maniqueísta entre os elementos que constroem no pensamento ocidental uma imagem dual dos símbolos que podem representar a sacralidade ou a profanação. Para este estudo teóricos como Gilbert Durand (2012), Mircea Eliade (1992) e Octavio Paz (2012) darão suporte para a análise dos poemas selecionados.

Palavras-chave: Religiosidade. Imaginário. Poesia. Adélia Prado.

Resumen

Voz incisiva de la poesía brasileña, Adélia Prado eterniza en sus versos el cotidiano simple, la vida modesta y las creencias que hacen parte del imaginario occidental. Este trabajo busca investigar como los símbolos y la constitución de las imágenes poéticas establecen un helo esencial para la elaboración de los poemas que se vuelven para la temática del religioso, la cual proporciona un constante juego maniqueísta entre los elementos que construyen en el pensamiento occidental una imagen dual de los símbolos que pueden representar la sacralidad o la profanación. Para este estudio teóricos como Gilbert Durand (2012), Mircea Eliade (1992) y Octavio Paz (2012) darán soporte para la análisis de los poemas seleccionados.

Palabras-clave: Religiosidad. Imaginario. Poesía. Adélia Prado.

Introdução

A proposta deste estudo é analisar a composição poética de Adélia Prado na obra *Bagagem*, tendo como enfoque de análise os símbolos e as imagem poéticas que se

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade. Email: marciaspeggiorin@hotmail.com

conjugam para a formação do imaginário religioso no pensamento ocidental. A religiosidade é uma temática muito interessante a ser explorada, mas ao mesmo tempo um terreno que inspira cuidados. O poeta, por meio da palavra poética, procura traduzir o homem e o seu meio, e assim, faz do texto poético um instrumento social à medida que busca compreender o pensamento humano e suas nuances.

A escritora mineira, Adélia Prado, destaca-se como importante poeta que eterniza em seus versos a simplicidade da vida no interior, a figura feminina, o fazer poético e a religiosidade, temas que são constantes na produção poética da escritora. A obra *Bagagem*, publicada em 1976, com indicação de Carlos Drummond de Andrade, é o primeiro livro da poeta, que, além da grande produção poética, Adélia Prado também é romancista, contista e autora de textos para o público infantil.

A expressão dos sentimentos através da linguagem artística é também um meio pelo qual o homem organiza-se socialmente e transmite suas crenças para outras gerações. Conforme as palavras de Antonio Candido

As manifestações artísticas são inerentes à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento necessário à sua sobrevivência, pois, como vimos, elas são uma das formas de atuação sobre o mundo e de equilíbrio coletivo e individual. São portanto, socialmente necessárias, traduzindo impulsos e necessidades de expressão de comunicação e de integração [...] (CANDIDO, 2006, p.79-80)

A arte é tão fundamental para a sobrevivência do homem quanto a fé. Independente de credo religioso, todo ser humano acredita em alguma coisa, e recorre a símbolos, rituais, orações para tornar esse sentimento abstrato cada vez mais próximo de sua realidade. Embora haja várias expressões e/ou representações materiais de fé, nada se compara à força que advém do imaginário humano, e compreender como se dá a relação entre homem e fé, é um desafio aos pensadores e estudiosos desse tema. Durand reforça essa ideia quando afirma que: “o imaginário, nas suas manifestações mais típicas (o sonho, o onírico, o rito, o mito, a narrativa da imaginação etc.) e em relação à lógica ocidental desde Aristóteles, quando não a partir de Sócrates, é alógico.” (DURAND, 2011, p.87). Portanto, imaginário e fé conjugam-se como um campo que é compreensível, mas não de modo definido e sistemático.

Para compreender essa relação entre o homem e sua religiosidade, é importante, primeiramente, esclarecer essa religiosidade sob o caráter comportamental do *homo religiosus*, o qual, não está voltado apenas para os símbolos sacros de um determinado dogma religioso, mas também, sob o ponto de vista da união entre o homem e o cósmos, o que é exemplificado por Mircea Eliade quando diz que

Não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*. (ELIADE, 1992, p. 13)

A partir desse conceito de hierofania, este estudo visa analisar sob a perspectiva da teoria do imaginário os textos poéticos da obra *Bagagem*. Para isso é importante compreender como se define essa teoria. Em *Poesia e imaginário* (2002), Ana Maria Lisboa de Mello explica a diferença entre imaginação e imaginário. A primeira implica em movimento, uma imagem que leva a pensar em outra; o segundo é tido como fornecedor de imagens, “situa-se também além das imagens, é sempre algo mais do que suas imagens” (MELLO, 2002, p. 72). Em suma, a imaginação são as imagens que relacionam-se uma a partir da outra; o imaginário é conotativo, é o campo onde são organizadas essas representações de imagens no pensamento humano.

O imaginário religioso na construção poética

Ao compor um poema, o poeta transcreve para o texto suas marcas sociais, psicológicas, religiosas e filosóficas, e cabe ao leitor o ofício de compreender a teia de metáforas que compõem a singularidade poética de cada escritor. O poeta trabalha com a palavra, transforma, ressignifica e modela-a de forma que ao final do trabalho a imagem produzida por meio dos versos consiga ser vista pelo leitor da maneira pensada por ele, mas também que possibilite a cada um construir sua própria imagem e interpretá-la de acordo com as suas referências. Para Octavio Paz

Sejam quais forem sua atividade e profissão, artista ou artesão, o homem transforma a matéria-prima: cores, pedras, metais, palavras. A

operação transformadora consiste no seguinte: os materiais deixam o mundo cego da natureza para ingressar no mundo das obras, ou seja, no das significações. (PAZ, 2012, p. 29)

O poema constitui-se em sua essência pelo jogo das significações e ressignificações que são atribuídas à palavra poética. O poema é expressão viva do discurso do homem, que lê esses discursos a partir de suas próprias leituras e experiências, dessa forma, cada palavra poética traz arraigada à sua significação, múltiplas significações atribuídas pelo leitor do texto, portanto, a palavra poética é fonte também de alusões simbólicas que permeiam o imaginário do *homo sapiens*. Gilbert Durand salienta que: “pede-se ao símbolo algo totalmente diferente do mecanismo unívoco do *symbolon*; pede-se-lhe, justamente, que “dê um sentido”, isto é, que nos faça acender ao domínio da expressão, para lá do domínio da comunicação.” (DURAND, 1996, p. 74). Desse modo, a significação de cada símbolo vai muito além do ato de comunicar algo, é um meio pelo qual o eu lírico se expressa e atribui sentido, dando margem também ao leitor para ressignificar os mecanismos simbólicos utilizados pelo poeta. O mesmo autor explica ainda que “o símbolo é, portanto, o poder equilibrante por excelência; ele lastreia a libido com um “sentido” e carrega a consciência com uma energia que lhe permite um constante “salto para frente”, figurativo”. (DURAND, 1995, p. 37).

O universo do símbolo assume muitas vezes uma conotação sagrada à medida que o poema expressa a sacralidade por meio da palavra poética que concerne ao social. Dessa forma, a poesia é também veículo do sagrado, da exteriorização do sagrado, fenômeno que não exclui a imaginação e a sacralidade em relação à realidade. Mircea Eliade explica que

O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. (ELIADE, 1992, p. 21)

Na visão de Octavio Paz: “A poesia é metamorfose, mudança, operação alquímica, e por isso faz fronteira com a magia, a religião e com outras tentativas de transformar o homem e fazer “deste” e “daquele” o “outro” que é ele mesmo.” (PAZ, 2012, p. 119). Conforme explica Paz, a poesia percorre esse limite entre magia e religião, e é por meio dela que o homem procura sua totalidade, dessa maneira, a poesia faz essa ponte entre a arte poética, a religiosidade, o místico, que confluem para o entendimento da essência do ser.

Desvendar a equivalência entre os elementos que constituem o cerne da poesia é um desafio ao pensamento ocidental, pois, como explica Octavio Paz: “O pensamento oriental não padeceu esse horror ao “outro”, ao que é e não é ao mesmo tempo. O mundo ocidental é o mundo do “isto ou aquilo”; o oriental, o do “isto e aquilo”, e até o “isto é aquilo”. (PAZ, 2012, p. 108). Nesse sentido, há uma aliança entre transparência e arte poética que sobressai com muita clareza, revela a realidade absoluta ao mesmo tempo que convida o leitor a questionar-se diante das imagens poéticas sugeridas, surge então a poesia. Sob essa perspectiva, para o pensamento ocidental, a ideia de exclusão é ainda imperativa, o que faz desencadear no imaginário ocidental a relação de que poesia e religiosidade são opostas e uma não pode estar relacionada a outra, o que difere do pensamento oriental.

A expressão da religiosidade na poética de Adélia Prado

Adélia Prado infere-se em um universo poético intemporal, que concerne em uma criação artística notória à medida que transpõe o cotidiano simples para uma linguagem poética que leva o leitor a um mundo de simbologia e concretude. A poesia adeliana apresenta uma composição que estabelece uma linha tênue que resulta na divisão social de duas esferas opostas: símbolos do profano e do sagrado, o que é perceptível no poema “O vestido”

O vestido

No armário do meu quarto escondo de tempo e traça
meu vestido estampado em fundo preto.
É de seda macia desenhada em campânulas vermelhas
à ponta de longas hastes delicadas.
Eu o quis com paixão e o vesti como um rito,
meu vestido de amante.
Ficou meu cheiro nele, meu sonho, meu corpo ido.
É só tocá-lo, e volatiliza-se a memória guardada:
eu estou no cinema e deixo que segurem minha mão.
De tempo e traça meu vestido me guarda.
(PRADO, *Bagagem*, 2012, p.108)

O vestido é o instrumento pelo qual a memória do eu lírico é acionada, levando-o a um momento de pura epifania, uma vez que tem arraigado a esse vestido toda uma simbologia e a referência de momentos inesquecíveis vividos pelo eu lírico.

No poema, uma das possíveis interpretações, o corpo pode ser analisado como a representação do sagrado, enquanto o vestido é o símbolo da profanação, da sedução. Ao descrever o vestido o eu lírico informa onde ele está guardado, expõe os detalhes do tecido e das estampas. As cores que prevalecem na descrição do vestido são o vermelho das flores que institui a relação à paixão, ao desejo e o fundo preto, referência à escuridão, ao luto, à solidão.

Nessa perspectiva, vida e morte também fazem parte desse círculo de significações, pois quando se relaciona o vermelho das flores à paixão é a afirmativa e a conscientização de se estar vivo. E quando a cor preta aparece como pano de fundo, e faz-se a relação à solidão, a morte ganha uma conotação forte à atribuição de sentidos relacionados a sentimentos de tristeza e dor.

O poema deixa claramente explícito a condição do objeto como fonte de recordação e instrumento de sedução, uma vez que, o vestido é usado para um momento específico, para alguém especial. Nesse sentido, o corpo produto da pureza da criação divina, enquanto o vestido faz o papel do elemento profano, o que evoca a sedução.

Adélia Prado é uma poeta singular na escrita da poesia com uma temática que denota à religiosidade. A tonalidade do discurso religioso é perceptível no poema a seguir

A catecúmena

Se o que está prometido é a carne incorruptível,
é isso mesmo que eu quero, disse e acrescentou:
mais o sol numa tarde com tanajuras,
o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus,
um par de asas em maio e imprescindível,
multiplicado ao infinito, o momento em que
palavra alguma serviu à perturbação do amor.
Assim quero “venha a nós o vosso reino”.
Os doutores da Lei, estranhados de fé tão ávida,
disseram delicadamente:
vamos olhar a possibilidade de uma nova exegese
deste texto. Assim fizeram.
Ela foi admitida, com reservas.
(PRADO, Bagagem, 2012, p. 44)

O poema deixa explícito a imagem de um eu lírico que busca por uma postura, um comportamento cristão, e quer ser educado de acordo com as exigências que demandam a religiosidade, isso pode ser observado desde o título do poema que é pontual ao revelar o propósito de ser educado segundo uma matriz, neste caso, a matriz judaico-cristã.

O texto inicia com a afirmação do desejo de viver de acordo com as propostas de uma vida sem corrupção da carne. A conotação metafórica atribuída ao desejo do eu lírico de ter a carne incorruptível, é também o desejo desse eu que quer consolidar sua identidade, e busca na religiosidade o caminho para encontrar-se.

O oitavo verso do poema exprime uma ansiedade em atingir a totalidade espiritual, e parte ativa dessa totalidade se percebe no décimo primeiro verso quando em diálogo com “os doutores da Lei” é dado ao eu lírico uma nova possibilidade, “a possibilidade de uma nova exegese deste texto”, do texto do eu lírico, ou melhor, é concedido ao eu lírico a oportunidade de encontro com a identidade que buscava e a concessão para a passagem a uma vida espiritual, sagrada, em detrimento à vida profana.

Essa relação entre sagrado e profano é vista também no poema “Guia”, no qual o constrangimento do eu lírico é exposto quando ele afirma que sua salvação está na

poesia, mesmo assim, afirma que a única salvação verdadeira está em Jesus Cristo. Segue o poema

Guia

A poesia me salvará.
Falo constrangida, porque só Jesus
Cristo é o Salvador, conforme escreveu
um homem – sem coação alguma –
atrás de um crucifixo que trouxe de lembrança
de Congonhas do Campo.
No entanto, repito, a poesia me salvará.
Por ela entendo a paixão
que Ele teve por nós, morrendo na cruz.
Ela me salvará, porque o roxo
das flores debruçado na cerca
perdoa a moça do seu feio corpo.
Nela, a Virgem Maria e os santos consentem
no meu caminho apócrifo de entender a palavra
pelo seu reverso, captar a mensagem
pelo arauto, conforme sejam suas mãos e olhos.
Ela me salvará. Não falo aos quatro ventos,
porque temo os doutores, a excomunhão
e o escândalo dos fracos. A Deus não temo.
Que outra coisa ela é senão Sua Face atingida
da brutalidade das coisas?
(PRADO, *Bagagem*, 2012, p. 63)

O poema “Guia” remete à temática maniqueísta do sagrado e do profano à medida em que posiciona a poesia em um campo de dualidade, pois a poesia é vista como um refúgio para a salvação desse eu lírico que busca sua identidade e sua proximidade com a vida espiritual, mas que, ao mesmo tempo tem ciência de que a única verdadeira salvação é Jesus Cristo. Esse sentimento duplo do eu lírico é evidente quando ele afirma que haverá uma resposta negativa a esse caminho escolhido por ele para chegar à totalidade e à consonância ao encontro do sagrado.

Por ser um eu lírico feminino, e sabe-se isso pelo segundo verso do poema, que afirma, “falo constrangida”, percebe-se com maior veemência a preocupação desse eu lírico que carrega arraigado a ele as limitações que estão concernentes à figura da mulher, principalmente da mulher-poeta.

Pontos de grande importância na lírica adeliana como a representação mimética, a sequência de imagens subjetivas que envolvem o leitor e a referencialidade bíblica, são constantes na sua produção poética, elementos que são perceptíveis nos poemas destacados neste trabalho. Os três poemas estudados sintetizam os elementos suparcitados, uma vez que “O vestido”, “A catecúmena” e “Guia” estão repletos de símbolos sacros que permeiam o imaginário religioso, isso se dá também pela forma com que Adélia Prado mantém sua própria fé, do mesmo modo que coloca esse eu lírico feminino dos três textos como sujeito lírico representativo da sociedade brasileira da década de 70.

Considerações finais

Os três poemas selecionados para este trabalho marcam a linguagem simples, a riqueza simbólica, e a referencialidade bíblica, elementos que são constantes na poesia adeliana que revela um eu lírico que expressa suas angústias, revive o passado e projeta suas expectativas naquilo que realmente confia, a poesia.

Por meio de uma poética que instiga o imaginário e aguça a busca por compreender os caminhos que levam a crer em um determinado credo, Adélia Prado convida o leitor a uma imersão nesse mundo de mistérios religiosos. Fica evidente que na obra adeliana prevalece o credo mantido pela matriz judaico-cristã, mas isso não altera a tonalidade do discurso religioso em favor de uma poética que está voltada para a busca da identidade e compreensão da transitoriedade humana.

A poesia adeliana traz arraigada ao seu lirismo as crenças, o modo de vida e a simplicidade do cotidiano mineiro. Em entrevista ao site “Descubra Minas”, Adélia responde com veemência sobre a sua relação entre fé e produção poética

DM – “Deus é mais belo que eu. E não é jovem. Isto sim, é consolo”.
Parâmetro. A fé aparece constantemente em sua poesias. Qual a importância da religião no seu trabalho e na sua vida?

AP – A fé é vital para minha vida e sendo para minha vida, necessariamente entra para a obra, porque não se escreve “do nada”,

mas a partir da experiência. Como diz Guimarães Rosa: “literatura é vida”. Concordo até os ossos.²

O poeta é um ser social e individual. Social, na medida em que é parte de uma sociedade que vive suas manifestações culturais e históricas, e individual no que concerne a cada ser o direito de expor suas crenças e seus pensamentos, dessa forma a expressão por meio da poesia torna-se um veículo para a expressão de qualquer movimento que esteja relacionado com o devaneio do ser humano e suas necessidades de expressar seus desejos e credos. Dessa forma, história e poesia complementam-se à medida que a palavra poética faz parte também da história do poeta.

Referências

ANDRADE, Jéssica; FERNANDES, Thiago. **Adélia Prado**. Disponível em: http://www.descubraminas.com/Cultura/EntrevistaDetalhe.aspx?cod_entrevista=1637 . Acesso em: 20/12/2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Helder Godinho. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

_____. **Campos do imaginário**. Tradução Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. **O imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução Renée Eve Levié. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

_____. **A fé do sapateiro**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. 32 ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

² Entrevista disponível em: http://www.descubraminas.com/Cultura/EntrevistaDetalhe.aspx?cod_entrevista=1637